

1

— Dou-te dez mil dólares para foderes a minha madrastra.
Os lábios da Kris curvaram-se num sorriso quando o Adonis, com os seus lindos olhos verdes, parou e se virou, o rosto atraente sob uma máscara de curiosidade, incredulidade e tédio.

Ele ignorara-a durante a maior parte do verão, coisa de que não gostou muito.

Porque ninguém ignorava a Kris Carrera.

Mas o Adonis era perfeito para o seu plano, por isso, estava disposta a ser simpática. E por simpática, queria dizer que não lhe ia arrancar os tomates e atirá-los para as velhotas assanhadas que andavam por Rodeo Drive em matilhas identificáveis por *botox* mal aplicado e carteiras piro-sas da Versace.

Oh, e a sua oferta de dez mil dólares também era bastante atrativa. Para a filha de um dos homens mais ricos da América, a quantia não passava de trocos.

— Deves estar a confundir-me com alguém. — O murmúrio do Adonis deslizou sobre a sua pele suave e escura como ónix, com sabor a uísque. À primeira vista, parecia polido, mas era rude e áspero sob a superfície.

O sorriso malicioso da Kris aprofundou-se. Encurtou a distância entre os dois até conseguir contar todas as madeixas de cabelo castanho ondulado beijado pelo sol, e ver a fúria disfarçada que ardia no fundo dos seus olhos verde-cintilantes.

A fúria era interessante. Bem, talvez a maior parte das pessoas não gostasse de ser tomada por prostituta, fossem homens ou mulheres, mas a tensão que lhe cerrara os maxilares disse à Kris que havia um motivo mais profundo por baixo da ira com que encarava aquela proposta.

Se se preocupasse com ele, até podia tentar perceber a razão.

Só que isso nem lhe passava pela cabeça.

Apenas lhe interessava atirar a pistoleira da madrastra, com as mamas falsas, para o olho da rua, e o Adonis estava ali para a ajudar a concretizar esse objetivo.

Ele era o tipo de homem de que a Gloria — mais conhecida por MM, a Madrastra Monstruosa — gostava: corpo bronzeado, tonificado e tão bonito que parecia ter sido feito no Photoshop. Ganhava ainda pontos extra por ter a capacidade de juntar duas ou três palavras numa frase coerente sem as intercalar com os termos *meu* ou *mano*.

Na verdade, ele era o género de homem de todas as mulheres heterossexuais; logo, o candidato perfeito para o trabalho. Só precisava de o convencer a aceitar a proposta.

— Desculpa, devia ter-me explicado melhor — insistiu a Kris. — Dou-te dez mil dólares para *fingires* que fodes a minha madrastra. Se depois enfiás a pila dentro dela ou não, já não é comigo.

Ele soltou uma gargalhada sonora — o som grave e rouco que fez o estômago da Kris contorcer-se de forma estranha.

É bom que a sandes que comi há pouco não estivesse estragada, pensou.

Se ficasse com alguma intoxicação alimentar, processava o café de onde saíra até os levar à falência, o que seria uma pena, já que gostava muito de ir ali. Situado entre a mansão da família em Beverly Hills e o emprego de verão que arranjava como assistente de uma assessora de imprensa muito famosa de Hollywood, a Bobbi Rayden, o Alchemy era um paraíso de *lattes* perfeitos e homens bonitos — incluindo o pedaço de mau caminho que estava agora à sua frente.

A Kris nem sabia o verdadeiro nome dele, por isso atribuía-lhe a alcunha de Adonis, inspirado pelo belo deus grego. O Adonis era empregado no Alchemy, apesar de a Kris quase apostar até ao seu último dólar que tinha aspirações a seguir uma carreira na representação ou na música.

Afinal, estavam em LA.

— Oh, senhora, deves estar sob o efeito de qualquer coisa forte. Não me vou aproximar da tua madrastra, se é que tens alguma. — O Adonis semicerrou os olhos. — Se isto é para um programa qualquer de apanhados, estás a perder o teu tempo. Eu não faço *reality shows*, sobretudo quando não concordei em participar nos programas.

A Kris crispou-se, tanto pelo uso sarcástico de «senhora», como pelo facto de que, ao ser tão obstinado, fazia com que *ela* perdesse o seu tempo.

Por outro lado, a aparente imunidade aos seus encantos também a irritava. A Kris raramente se envolvia em interações românticas ou *flirts*, mas quando se decidia a seduzir e namoriscar alguém, esperava um certo nível de adulação e desejo. Com os olhos castanhos grandes, lábios carnudos, corpo pequeno e curvilíneo — incluindo o peito natural copa 36C —, costumava captar a atenção de qualquer homem.

Mas não o Adonis. Ele olhava para ela com o mesmo interesse de um eunuco de cartão.

Fiapos de irritação enroscaram-se no corpo da Kris.

— Isto não é para um programa de apanhados. — Como se ela alguma vez se rebaixasse ao ponto de entrar em algo tão piroso. — O meu tempo é precioso e não o vou gastar a discutir contigo; por conseguinte, resumidamente, o negócio consiste no seguinte: no próximo outono, o meu pai vai casar-se com a interesseira da sua noiva, e recusa-se a enxergar o que está à frente dos seus olhos, por isso, tenho de o fazer ver a razão. Para ele a pôr no olho da rua só com as roupas pirosas que usava quando o seduziu no bar onde trabalhava.

— E vais contratar alguém para foder, desculpa, para *fingir* que fode, a tua futura madrastra? — O sarcasmo era evidente.

— E tirar fotografias, sim. — A Kris encolheu os ombros. — Depois de se tornar na senhora Carrera, ela vai pôr os cornos ao meu pai num abrir e fechar de olhos. Só pretendo poupar-lhe o dissabor.

A Kris gostava do pai, preocupava-se com ele, mesmo que andasse sempre tão ocupado que só o via um par de semanas por ano. Sabia que ele *podia* encontrar alguém muito melhor do que a idiota da Gloria.

Já para não dizer que a Kris ainda não perdoara à MM por ter convencido o pai a cortar-lhe a mesada depois daquele pequeno incidente durante as *férias do Natal*.

Felizmente, o Roger Carrera não demorou a ceder ao silêncio que a filha lhe dedicou, e voltou a libertar os cartões de crédito — embora tivesse instituído um limite mensal. Ainda assim, a Kris não esquecia a provação por que passara.

A Gloria iria pagar pelo que fizera.

— Como tens tanta certeza de que ela vai enganar o teu pai? — A fúria desapareceu dos olhos dele, substituída por uma diversão desdenhosa.

A Kris foi contando as razões pelos dedos:

— Para começo de conversa, ela tem metade da idade dele e parece a Jessica Rabbit, enquanto o meu pai, que Deus o proteja, não é nenhum George Clooney. Depois, não possui carácter. E por fim, a avaliar pela maneira como devora os outros tipos com os olhos, sei que tem um fraquinho por jovens, musculados e bonitinhos. — Olhou para os lábios esculpidos do Adonis, para o maxilar anguloso e ombros largos. — Ou seja, homens como tu.

Apesar de não ter a certeza se ele se podia considerar bonitinho. Era lindo, sim, mas tinha um tipo de masculinidade intensa e crua que se encontrava na maior parte dos *Kens* humanos e meio plastificados que abundavam em Los Angeles.

A Kris fez um sorriso azedo enquanto pensava naquilo.

Era evidente qu estava na chamada Cidade dos Anjos há demasiado tempo, porque o seu diálogo interior já se assemelhava a uma comédia romântica de quinta categoria.

— Fico muito lisonjeado. — O sarcasmo regressou. Uma brisa soprou e agitou-lhe o cabelo. — Mas a resposta continua a ser não.

A Kris respirou fundo, incrédula.

— Estás a brincar? São dez mil dólares. Nem sequer tens de a beijar, só fingir que estás a fodê-la. És ator, não és?

O Adonis ergueu as sobrancelhas.

— Como sabes?

— *Pfft*, por favor. Estamos em LA. Qualquer empregado de mesa bonito tem uma probabilidade de oitenta e cinco por cento de aspirar a ser ator.

— É justo. — Ele esfregou o queixo. — Porque me escolheste? O que não falta na cidade são atores que agarrariam a oportunidade sem hesitar.

— Já te disse, fazes o tipo da minha Madrasta Monstruosa. — Apesar de a Kris jamais o admitir, o Adonis também a deixava intrigada. Desde que aterrara em LA, há três semanas, tornara-se cliente regular do Alchemy, e ele era o único empregado de mesa homem que nunca olhara para ela duas vezes, exceto quando lhe pedia mais café. Isso, aliado ao facto de que acabara de recusar dez mil dólares, dinheiro que, a avaliar pelo carro velho em que estava prestes a entrar, lhe daria muito jeito, fazia com que se destacasse dos restantes compatriotas de cromossoma Y.

A Kris desviou os olhos do carro em questão. A pintura riscada e a porta do condutor metida dentro deixavam-na desconfortável. A pobre e velha carripiana era o equivalente a poliéster.

— E já te disse que não sou prostituto — reforçou ele suavemente.

O ar entre os dois crepitava com tensão, e os pelos na nuca da Kris eriçaram-se com desconforto. Nunca os seus sentidos estiveram mais alerta, tão atentos a tudo, do peito musculado que subia e descia com a respiração ao aroma débil e extremamente agradável a café e couro que as suas roupas emanavam.

— Olha, estamos aqui a discutir em círculos. — A Kris esforçou-se por manter uma atitude descontraída. — Como mencionei, não precisas de ir para a cama com ela. Trata-se de um trabalho de *representação*. Vais fazer de seu amante. Seduzi-la, conseguir que fique numa posição comprometedora. Terei um assistente a tirar algumas fotos rápidas e, no fim, ganhas dez mil dólares. É o trabalho mais fácil do mundo.

O Adonis encostou-se ao carro e cruzou os braços sobre o peito. De olhar duro e postura impertinente, parecia um James Dean dos tempos modernos, com uma pitadinha de Liam Hemsworth.

— Sobe a proposta para quinze mil dólares, e talvez pense nisso.

A incredulidade invadiu as veias da Kris.

— Só podes estar a gozar comigo. Queres regatear? — Quem diabo julgava que era? — Dez mil já é muito dinheiro para uma tarefa tão simples. Por esse dinheiro, podia contratar qualquer aspirante a ator desta cidade.

— Então contrata. — Perante o silêncio da Kris, um sorriso trocista pairou nos cantos da sua boca. — Se fosse assim tão fácil, não estavas num parque de estacionamento a discutir com um empregado de mesa. — Não sabia porquê, mas o termo *empregado de mesa* pareceu-lhe um insulto, apesar de o empregado ser ele. — Como é, princesa?

Ela cerrou os dentes.

— Por quinze mil aceitas a proposta?

— Penso nela.

A Kris esteve a um centímetro de lhe dar um murro na cara perfeita. Devia ter trazido o seu anel *Dior*, o da pedra grande, pelo menos assim seria um murro mais doloroso.

— Tudo bem. — Ficou surpreendida com a própria concordância.

— Dá-me o teu número.

O Adonis obedeceu sem mais uma palavra — outra surpresa. A Kris esperava que recusasse, dado mostrar-se tão determinado em dificultar-lhe a vida.

Acrescentou o número aos seus contactos e enviou uma mensagem para si mesma do telemóvel dele.

— Como te chamas?

— Nate.

Nate. O nome condizia com ele.

— Chamo-me Kris, com *K*. — Devolveu-lhe o telemóvel e continuou, com um tom de voz cristalino e eficiente: — Tens quarenta e oito horas para decidir. Se não receber notícias tuas até segunda-feira às cinco da tarde, a oferta passa para outro, alguém que não seja suficientemente idiota para deixar que o negócio da sua vida lhe fuja por entre os dedos.

— Oh, princesa, para isto ser o negócio da minha vida tinhas de me oferecer muito mais do que quinze mil dólares. — O olhar do Nate deslizou até aos lábios dela, o movimento discreto a conferir uma insinuação sexual às palavras, algo que provocou uma inesperada onda de calor no seu corpo. O sorriso trocista reapareceu. — Falamos daqui a quarenta e oito horas. Ou não.

O Nate entrou no carro e foi-se embora, deixando uma Kris furiosa e estranhamente excitada.